



2.º ANNO

J. PINTO E SILVA

Meus Deveres

EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA

1936

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

S. PAULO

ESTA OBRA FAZ PARTE DA COLLECÇÃO
DE LIVROS PRIMARIOS DA FIRMA

SALLES OLIVEIRA & C^{IA}. LTDA.
TYPOGRAPHIA SIQUEIRA
— SÃO PAULO —

EDITADOS PELA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

J. PINTO E SILVA

MEUS DEVERES

EDUCAÇÃO CIVICA E MORAL

NO

SEGUNDO ANNO PRELIMINAR

OBRA APPROVADA E ADOPTADA PELOS GOVERNOS DO ESTADO DE
SÃO PAULO, DE OUTROS ESTADOS E POR ESCOLAS PARTICULARES

12.^a EDIÇÃO

1936
Companhia Editora Nacional
SÃO PAULO

LIVROS ESCOLARES

para CURSO PRIMARIO editados pela
COMPANHIA EDITORA NACIONAL - S. Paulo

	Volumes cartonados
J. PINTO E SILVA:	
MEUS DEVERES (Leitura para 2.º anno)	3\$000
MEUS DEVERES (Leitura para 3.º anno)	3\$500
MINHA PATRIA (Leitura para 2.º anno)	3\$000
MINHA PATRIA (Leitura para 3.º anno)	3\$500
M. OLIVEIRA e R. DORDAL:	
NOVAS LEITURAS I (para 1.º anno)	3\$000
NOVAS LEITURAS II (para 2.º anno)	3\$000
NOVAS LEITURAS III (para 3.º anno)	3\$500
THEODORO DE MORAES:	
MEU LIVRO (Cartilha)	3\$000
MEU LIVRO (Leitura para 2.º anno)	3\$500
SEI LER (Leitura intermediaria)	3\$000
SEI LER (Leitura para 2.º anno)	3\$000
SEI LER (Leitura para 3.º e 4.º annos)	4\$500
THALES DE ANDRADE:	
LER BRINCANDO (Cartilha)	2\$500
VIDA NA ROÇA (Leitura para 2.º anno)	3\$000
ESPELHO (Leitura para 2.º anno)	3\$000
TRABALHO (Leitura para 3.º anno)	3\$500
SAUDADE (Leitura para 3.º e 4.º annos)	4\$000
F. FARIA NETTO:	
PIRULITO I (Leitura para 1.º anno)	3\$000
PIRULITO II (Leitura para 2.º anno)	3\$000
CORAÇÃO BRASILEIRO (Leitura para 3.º anno)	3\$500
M. MOURA SANTOS (Serie):	
O PEQUENO ESCOLAR I (Leitura para 3.º anno)	3\$500
O PEQUENO ESCOLAR II (Leitura para 4.º anno)	4\$000
MOÇIDADE (Leitura para 4.º anno)	3\$500
ORLANDO MENDES DE MORAES (Serie):	
MINHAS HISTORIETAS (Leitura para 1.º anno)	3\$000
HISTORIAS INFANTIS (para 2.º anno)	3\$000
LEITURAS SIMPLES (para 3.º anno)	3\$000
CARTILHA PRATICA	2\$500
MINHAS LEITURAS (para 4.º anno)	3\$500
JOSE O. ORLANDI:	
MINHAS LIÇÕES (Leitura para 1.º anno)	2\$000
PASTA ESCOLAR (Leitura para 1.º anno)	3\$000
ANTONIO FARIA:	
ALVORADA (Leitura para 2.º anno)	3\$000
SEARA PATRIOTICA (Leitura para 4.º anno)	3\$500
APRICIO GONZAGA:	
MINHAS LIÇÕES (Leitura para 2.º anno)	3\$000
CONTOS ESCOLARES (Leitura para 3.º anno)	3\$500
S. PAULO E SUAS GRANDEZAS (Leitura para 4.º anno)	3\$500
ERASTO DE TOLEDO:	
RECORDAÇÕES (Leitura para 3.º anno)	3\$500
VONTADE (Leitura para 4.º anno)	3\$500
A. ALMEIDA JUNIOR:	
CARTILHA DE HYGIENE	2\$000
MONTEIRO LOBATO:	
FABULAS (Leitura para 3.º e 4.º annos)	4\$000
PEDRO CALMON:	
HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA (Leit. 4.º anno)	5\$000
HYPERIDES ZANELLO:	
ELEMENTOS DE GEOMETRIA E DESENHO LINEAR (4.º anno)	3\$500
STELLA BRANDT DE CARVALHO:	
O AMIGO DA INFANCIA (Cartilha por syllabação)	3\$000
CLAUDINA BARROS:	
CARTILHA FACIL	3\$000

ADVERTENCIA

Não fosse o mero convencionalismo peculiar a programmas didacticos, e a divisão, quasi abstrusa, da Educação em moral e civica seria uma verdadeira redundancia pedagogica.

Tanto o ensino moral como o civico, embora apresentando aspectos differentes, collimam ambos um mesmo fim: cultivar e desenvolver as faculdades effectivas, nellas imprimindo o sentimento do dever.

As duas idéas, pois, identificam-se na sua coexistencia e unificam-se num só objectivo — a Educação moral.

Tratando-se desta, fastidioso é dizer que ella tem merecido, em todos os tempos, particular attenção dos mais eminentes philosophos, e pedagogistas, tal a sua relevante importancia no ensino infantil.

Mme. Guizot (*Education domestique*) considera a moral como a unica base da educação completa. Bernardin de Saint Pierre fazia della a sua preocupação capital. John Locke, o illustre fundador da escola sensualista do seculo XVII, dava-lhe tal apreço que não vacillou em dizer: "a educação moral, uma vez adquirida, ainda que o mais seja negligenciado, produzirá o restante em tempo opportuno".

Basta este conceito do grande pensador inglez, para justificar o apparecimento do presente livrinho e o valor que, porventura, elle possa ter. E, para corroborar o processo nelle adoptado, isto é, o ensino pelo exemplo dado em fórma de contos apropriados ás crianças, ahí vão as opiniões de Ratichius, Fleury e Le Bon, para não citar as de muitos outros.

O primeiro, contemporaneo, de um dos mais conspícuos precursores da pedagogia moderna, isto é, de Amos Comenius, combate as formulas aridas, os principios sentenciosos, como contrarios á natureza da creança, capazes de lhe tirar o gosto pelo estudo e de tornar esteril o ensino.

O abbade Fleury (*Traité du choix de la méthode des études*) entende que a moral deve ser ensinada mais pelo exemplo que por preceitos.

Finalmente, Gustave Le Bon (*Psychologie de l'éducation*), consoante o pensamento do citado abbade, affirma, referindo-se ao mesmo assumpto, que "em materia de ensino moral, cumpre dar á creança habitos de espirito e não perder tempo em ensinar-lhe regras ou fazer-lhe sentenciosos discursos".

Já no segundo periodo da philosophia grega, o grande Socrates que, como é sabido, se celebrou principalmente pelo seu methodo, proclamava que "o dever da educação é fazer nascer a idéa, em vez de communicar-l-a".

Mais uma vez justificado o processo que empregamos no presente livro, ao mestre cabe agora tornar-o um instrumento util nas mãos de seus discipulos, fazendo-os comprehender e interpretar bem as lições nelle contidas, de accordo com o sabio principio de H. Spencer, exposto na sua *Education intellectual, moral and physical*: "o exito dum methodo depende da intelligencia com que é elle applicado".

E, a não ser assim utilizado, deve-se supprimi-lo, por improficuo.

O AUTOR.

ASSUMPTOS TRATADOS NO PRESENTE LIVRO

A FAMILIA
RESPEITO AOS PAES
A PATRIA
DEVERES FILIAES
DEVERES FRATERNAES
O GOVERNO
RESPEITO A' VELHICE
OS CREADOS
A REPUBLICA
O TRABALHO
A INSTRUÇÃO
A ELEIÇÃO E O VOTO
A MODESTIA
A BONDADÉ
O CONGRESSO
A GRATIDÃO
A CARIDADE
A LEI
A VERDADE
A INVEJA
RESPEITO AS LEIS
A CALUMNIA
O ODIO
A POLIDEZ
OS ENFERMOS
OS MORTOS
O SOLDADO
OS INVALIDOS
A INTOLERANCIA

A BANDEIRA
A SINCERIDADE
A HYPOCRISIA
A GUERRA
A CORAGEM
A HONRADEZ
O IMPOSTO
O JOGO
O ALCOOL
A ESCOLA
AS ARVORES
A TEMPERANÇA
OS MONUMENTOS
A BENEVOLENCIA
A DOR ALHEIA
OS PASSAROS
A POLICIA
A HUMILDADE
A MALEDICENCIA
A FRATERNIDADE
OS ANIMAES
O CHARACTER
A VAIDADE
A PRUDENCIA
A JUSTIÇA
A CONSCIENCIA
A AVAREZA
A ECONOMIA

INDICE

	PAGS.
A familia	11
Respeito aos paes	13
A patria	15
Deveres filiaes	17
Deveres fraternaes	19
O governo	21
Respeito á velhice	23
Os creados	25
A Republica	27
O trabalho	29
A instrucção	31
A eleição e o voto	33
A modestia	35
A bondade	37
O Congresso	39
A gratidão	41
A caridade	43
A lei	45
A verdade	47
A inveja	49
Respeito á lei	51
A calumnia	53
O odio	55
A polidez	57
Os enfermos	59
Os mortos	61
O soldado	63

Os invalidos	65
A intolerancia	67
A bandeira	69
A sinceridade	71
A hypocrisia	73
A guerra	75
A coragem	77
A honradez	79
O imposto	81
O jogo	83
O alcool	85
A escola	87
As arvores	89
A temperança	91
Os monumentos	93
A benevolencia	95
A dôr alheia	97
Os passaros	99
A policia	101
A humildade	103
A maledicencia	105
A fraternidade	107
Os animaes	109
O caracter	111
A vaidade	113
A prudencia	115
A justiça	117
A consciencia	119
A avareza	121
A economia	123

A FAMILIA

— Bom dia, meus amiguinhos!

Sei que não me conhecem.

Pois bem, vou dizer-lhes quem sou.

O meu nome é
Carlos. Em casa, porém,
tratam-me de Carlito.

Como os meus ami-
guinhos, já frequento a
escola.

Sou um menino mui-
to feliz.

Vão saber por que.
Tenho um pae ex-
tremoso. Mamãe me
adora.

Ah! mas 'eu lhes
pago na mesma moeda!
Amo-os de todo o co-
ração.

E meus irmãozi-
nhos? Como são lindos!



Brinco com elles. Tomo cuidado para que não se machuquem. Agrado-os quando choram.

Ainda tenho mais parentes : avós, tios, primos e outros.

São todos amigos. Auxiliam-se mutuamente.

Todos elles me estimam muito.

Eu tambem os estimo, e muito. Mas, como a meus paes, isto nunca ! Papae e mamãe são o meu thesouro, são o meu encanto, os meus amores.

Respeito-os profundamente. Sou-lhes obediente em tudo. Procuro, emfim, ser bom filho e tambem bom irmão e bom estudante.

Por isso, vejo-os sempre contentes.

Eis por que me sinto feliz, mas muito feliz !

RESPEITO AOS PAES

Marina e Lucio estavam mui attentos.

— Ouviam sua mãe ler a seguinte historia :

Roberto era um excellente rapazito. Era tão bom, que lhe chamavam — *Menino de ouro*.

Todos que o conheciam lhe votavam sincera estima.

E Roberto bem o merecia.

Não havia filho mais respeitoso que elle.

Não existia creança mais obediente nem mais docil.

Executava as ordens dos paes com promptidão e alegria.



E os conselhos do papae ou da mamãe? Ah! eram uma coisa sagrada para Roberto. Havia de seguil-os, custasse o que custasse.

Era assim que esse bom menino honrava e respeitava os paes.

Bem lhe cabia, pois, o bonito appellido de — *Menino de ouro*.

Eis a historia que D. Eugenia leu para os filhos.

Elles a repetiram, com toda a clareza.

O pequeno Lucio appreciou-a tanto, que disse:

— Olhe, mamãe, Lucio ha de ser bomzinho como o Roberto.

Marina accrescentou:

— E sua querida filhinha, tambem. Ouviu, mamãe?

D. Eugenia sorriu docemente. Em seguida abraçou e beijou as duas interessantes creanças.

A P A T R I A

Eis aqui o Flavio.

E' um menino applicadissimo. Está sempre attento em classe.

Dahi a razão por que faz progresso nos estudos.

O mestre o considera muito.

Seus collegas lhe têm verdadeira amizade.

A melhor prova escripta de hoje foi a de Flavio.

O professor deu-lhe um affectuoso abraço. Depois mandou-o ler a prova.

“Brasil!

E' o nome da terra em que nasci.

E' o nome da minha patria querida.

Brasil! Como és vasto, rico e formoso!

Que ceu puro e azul é o teu!

Que florestas espessas e verdejantes!

Que campinas extensas e floridas!

Que rios caudalosos e profundos!

Que flores exquisitas e perfumosas!

Que passarinhos encantadores!

Oh! como tudo aqui é grande, bello e majestoso!

Que solo fertil! Produz tudo, tudo.

Lançae sobre elle uma semente. Em breve tereis abundantes fructos.

Quem não te amará, torrão bemdito ?

Formosa terra, a minha terra !

Grande patria, a minha patria !

Collegas : amemol-a. Estudemos, trabalhemos por ella !"

DEVERES FILIAES

Marina e Lucio, outra vez.

O menino está ajudando sua mãe.

Tem nas mãozinhas uma meada de lan.



Marina ensinou-a a soltar o fio.

E com que habilidade elle o desprende !

D. Eugenia vae formando um novello.

Depois ella fará dois bellos pares de meias. Um será para Marina ; outro, para Lucio.

O menino está contentissimo.

— Já sei ajudar minha mamãe, diz elle, sorrindo.

Marina ajudou-a bastante, hoje. Poz a mesa para o almoço. Além deste, fez outros serviços.

Pela manhan o pae esteve um pouco adoentado. Conservou-se no leito.

A menina foi, então, levar-lhe o café.

Como elle ficou satisfeito ! Deu-lhe dois beijos, um em cada face.

Lucio e Marina sentem prazer em ajudar os paes.

Sabem que assim devem proceder os bons filhos.

Sabem tambem amal-os e respeit-os, como o *menino de ouro*, de quem já falámos.

DEVERES FRATERNAES

— Venha cá, meu amor. Já o calcei, já o vesti. Resta-me agora aparar-lhe as unhas. E não é que ellas estão mesmo crescidinhas ?!

Assim falava a galante Jenny ao irmãozinho Oscar.

Jenny conta apenas oito annos de idade.

Muito creança ainda, não acham?

Pois olhem: já sabe cuidar perfeitamente bem do Oscarzinho.

Tem por elle desvelos duma boa mãe. Tral-o sempre asseado. Inventa-lhe bonitos brinquedos.

Canta bellas cantigas, para fazel-o adormecer.



E o velhaquete ás vezes custa para dormir. Põe-se a papaguear e a rir ; nada de querer cerrar os olhos. Fica, emfim, a caçoar com a irman.

Mas Jenny não se impacienta com o querido traquinas. Continua a cantar, a cantar, até vel-o adormecido.

E assim procede sempre a excellente menina.

E' uma irman dedicada e carinhosa.

Tão nova ainda e já tão ajuizada !

Compreende bem que os irmãos devem amar-se. Sabe que os mais velhos têm o dever de auxiliar e proteger os menores. E' uma boa irman, emfim.

Que alegria para seus paes !

O GOVERNO

Férias ! férias !

Como está alegre o Mauro !

Elle foi passar quinze dias numa fazenda.



O pae levou-o, como premio á sua applicação.

Mauro percorreu verdes campos e valles. Brincou á beira de frescos regatos. Visitou extensas plantações. Andou, emfim, pela fazenda toda.

Tudo o que viu, causou-lhe grande prazer. Mas o que elle mais apreciou foi a ordem alli observada.

A fazenda era vastíssima. Seus colonos formavam uma numerosa população, Entretanto, era muito bem *governada*. Para isso tinha um bom *regulamento*, e este era cumprido á risca.

Desde o administrador até ao mais humilde empregado, todos observavam o regulamento.

Cada qual executava o trabalho que lhe competia.

Tudo era feito á hora e a tempo.

Desse modo reinava alli completa ordem. E a fazenda prosperava cada vez mais.

O pae de Mauro disse-lhe :

— Meu filho, os paizes tambem possuem um regulamento. E' por este que elles se governam. Esse regulamento forma, pois, o seu *governo*.

Todo o cidadão precisa obedecer ao governo para que seu paiz progrida.

Respeitemos, portanto, o governo de nossa patria.

E a ordem, e a paz, e a prosperidade reinarão sempre no nosso caro Brasil.

RESPEITO A' VELHICE

Sempre alegre, o bom Joãozinho !

Hoje, porém, veio da escola zangado !

— Que lhe succedeu? perguntou-lhe a mãe.

— Eu e o Julio voltavamos das aulas, quando encontrámos pelo caminho um velhinho, que mal podia andar. Caminhava apoiado a duas grossas bengalas. Tinha o passo arrastado e as mãos tremulas.

Oh ! que pena tive eu d'elle !

Iamos seguindo o pobre homem.

De repente, Julio afastou-se de mim. Aproximou-se do velho e poz-se a arremedal-o.

O bom do velhinho parou e fitou, bem firme, o insolente menino. Depois sorriu, com ar triste, e continuou o seu caminho.

Ah, fiquei indignado ! Fugi do Julio e jurei não andar mais com elle.



— Mas, escute, meu filho. Talvez esse menino não soubesse o mal que estava praticando...

— Sabia, sim, mamãe. Pois ainda hontem o professor nos disse: "Respeitem a velhice; é um dever sagrado. Quem zomba dos velhos é um covarde. Amparem-n'os, protejam-n'os sempre. Lembrem-se de seus paes, quando forem velhos. Que dôr não seria a de vocês se alguém ousasse zombar delles!"

— Vejo que você tem razão, querido filhinho. Esse mau Julio não merece mesmo a sua companhia. Fuja delle.

OS CREADOS

Que formosa menina!

Chama-se Ignez.

E' uma creança docil e amavel.

Vive sempre satisfeita.

Seus paes são

ricos.

Em sua casa ha muitos creados.

Não ha um só, entretanto, que não a estime.

Por que será?

Pela sua bondade para com todos elles.

E' verdade que ella não os trata de igual para igual. E' preciso mesmo ser assim. Do contrario elles não a respeitariam como devem.



Todavia, Ignez os trata com doçura. Não é arrogante nem os despreza.

Se lhes dá uma ordem, não o faz aos gritos.

Quando algum delles commette uma falta, reprehende-o com delicadeza.

Sabe que os creados são humildes. Mas não ignora tambem que elles sentem os maus tratos.

Por tudo isso elles procuram adivinhar-lhe os pensamentos. Cada qual quer ser o primeiro a servil-a. E o fazem com a maior satisfação.

Hontem Ignez completou nove annos.

Como elles estavam alegres! Deram-lhe lindas flores.

A bondosa menina foi depôl-as no regaço de sua mãe.

Adoravel creança a Ignezinha!

A REPUBLICA

O Flavio continua a ser estudioso.

Agora é elle o primeiro da classe.

Fez outro excellente trabalho.

Desta vez ganhou um bonito premio.

Leiam o trabalho delle:

"O meu querido Brasil é uma *Republica*. Esta é governada por um *presidente*.

O presidente é *eleito* pelo povo.

Depois de *quatro* annos, elle deixa o governo. Então é escolhido outro presidente.

E assim succede, de quatro em quatro annos.

A Republica foi proclamada no dia 15 de novembro de 1889.

Quem a proclamou foi o illustre brasileiro Manoel Deodoro da Fonseca.



Foi elle o seu primeiro presidente. Já é fallecido. O actual presidente da Republica é o Dr. Getulio Vargas.

Os outros foram : Floriano Peixoto, Prudente de Moraes, Campos Salles, Affonso Penna, Rodrigues Alves, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Wenceslau Braz, Epitacio Pessoa, Arthur Bernardes e Washington Luiz.

Destes, quasi todos já fallecidos. Prestaram bons serviços á patria.

Honremos, pois, a memoria delles.

O territorio da Republica está dividido em vinte partes. Estas partes se chamam *Estados*.

Cada Estado tem tambem um presidente.

Além do presidente da Republica, ha outros membros do governo. São os *senadores*, os *deputados* e os *ministros*".

Aqui Flavio terminou a sua composição.

O TRABALHO

Reparem nesta menina.

Observem com que attenção ella trabalha.

E não pensem que a mãe a chamou. Não.

Cecilia veio trabalhar por sua espontanea vontade.

Ella faz sempre assim.

Gosta immensamente do trabalho.

Já sabe fazer diversos serviços domesticos.

Está sempre ajudando a mãe, ora numa coisa, ora noutra.

Agora aprende a fazer meias.

Emquanto aprende, a mãe lhe diz :

— Você ama o trabalho, não é mesmo? Ha de ser muito feliz, minha filha.



O trabalho é um grande bem.

Elle nos torna alegres. Faz-nos esquecer os pesares.

Tambem nos torna sadios. Quem se entrega á ociosidade, não gosa saude.

Aquelle que não trabalha, vive dos outros. E', portanto, um ente inutil.

Todos devemos trabalhar.

O trabalho é irmão da prosperidade ; a preguiça é companheira da miseria.

Bravo, Cecilia ! Muito bem, minha filhinha !

A INSTRUCCÃO

— Já brincámos bastante, Arthur. Vamos agora preparar nossas lições ? perguntou Luizito ao irmão.

— Não, não quero, Luizito.

— Mas, por que ?



— Ora, por que ! Porque não gosto de estudar, ahi está !

— Não diga isso, Arthur. E' um dever a gente instruir-se.

— Mas, para que serve a instrucção, Luizito ?

— Para que serve ?! Ora, escute : não é verdade que você ama a tua patria?

— Sim. Amo, adoro o meu querido Brasil.

— Não quer servir-o, algum dia?

— Oh, sim, de todo o coração !

— Pois, então, estude ; instrua-se, Arthur. Ninguém pôde servir melhor a patria do que o homem instruido.

— Você tem razão, Luizito. A instrucção é um dever, é uma necessidade. Vamos estudar?

— Vamos, sim.

E os dois irmãos foram preparar suas lições.

Desde então Arthur tomou grande gosto pelo estudo.

Agora é sempre elle o primeiro a dizer : “Vamos estudar, Luizito?”

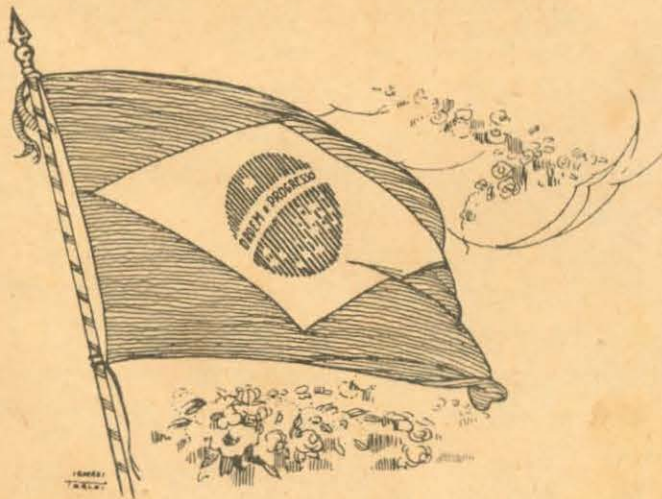
A ELEIÇÃO E O VOTO

Era num grupo-escolar.

Um professor dizia aos alumnos :

— Amanhan é o *Dia da bandeira*.

Todas as classes deverão reunir-se. Haverá poesia, cantos, etc. A nossa querida bandeira será coberta de flores.



Cada classe dará um alumno para saudal-a.

Qual será o menino desta classe?

— Eu, eu, responderam todos.

— Mas, isso não é possível, meus filhos. Ha de ser um só. Ora, façamos o seguinte :

Pense cada qual num collega para fazer a saudação. Escreva, em seguida, o nome desse collega num pedaço de papel.

Os alumnos fizeram o que o mestre ordenou.

— Prompto? perguntou o professor.

— Prompto, responderam os meninos.

— Muito bem. Agora, recolha os papeis, Adolpho.

Recolhidos os papeis, o professor leu todos e tomou umas notas.

— Aqui estão trinta e dois papeizinhos, disse elle. Em trinta delles vem o nome de Octavio. Foi, portanto, este menino o escolhido. Elle fará a saudação. Não é verdade, Octavio?

— Com todo o prazer, professor.

— Vocês acabaram de realizar uma eleição, meus alumnos. E que bonita eleição! Elegeram um collega muito digno e muito capaz.

Quando escreveram, deram o seu voto.

E' por meio da eleição que o povo escolhe os homens do governo.

Algum dia vocês serão *eleitores*.

Votem sempre nos cidadãos mais dignos e mais illustres.

Dêem seu voto sómente áquelles que puderem bem governar e engrandecer a patria.

Assim, vocês cumprirão nobremente o dever de bons cidadãos.

A MODESTIA

Quem conhece a boa Mimi, não póde deixar de estimal-a.

Assim é na escola. Todas as collegas a estimam. Não ha uma só que não deseje ser amiga della.

Vão saber por que.

Mimi é rica, mas não tem a menor vaidade.

Traja-se com toda simplicidade.

E' muito amavel para com as collegas. Trata-as com doçura e delicadeza.

Ella é a primeira da classe.

Responde sempre bem ás perguntas da professora.

Seus trabalhos são muito limpos e bem acabados.

Entretanto, a mestra nunca a elogia.

Por que será?



Ah! ella sabe que Mimi se incommoda bastante com elogios. Começa a ficar vermelha, vermelha. Quasi chora, a coitadinha!

Isso já succedeu por diversas vezes.

Oh, como Mimi é modesta!

E' por esta razão, principalmente, que ella é querida.

Eis por que as meninas lhe dedicam sincero affecto.

Mimi tambem quer bem a todas.

Tudo o que ella sabe ensina ás colleguinhas.

Está sempre prompta a ajudal-as.

Que estará fazendo agora a boa Mimi?

A BONDADE

Estes dois rapazitos são muito bondosos.

Têm a mesma idade — nove annos.

Andam sempre juntos.

E como são amigos!

Um se chama Francisco; outro, Fabio.

Não pódem ver um collega triste. Tambem ficam tristes.

Procuram logo consolal-o.

A's vezes, no recreio, algum pequeno cae.

Francisco e Fabio correm immediatamente. Ajudam o colleginha a levantar-se. Depois limpam-lhe a roupa e o agradam.



Outras vezes é um pequerrucho que chora, porque perdeu qualquer coisa.

Elles procuram o objecto perdido. Se não o acham, tratam de arranjar outro.

Ha poucos dias um pequeno do primeiro anno perdeu o lanche, na rua.

Como chorava, o coitadinho! Parecia ter fome.

Mas logo ficou alegre. Francisco e Fabio dividiram o seu lanche com elle. Deram-lhe duas fatias de pão com manteiga.

São assim esses dois amiguinhos.

E' possivel haver meninos bons como elles. Melhores é que não ha.

E são bondosos tambem para com os animaes.

Reparem como elles acariciam o gatinho.

O CONGRESSO

Minha classe tem um jogo interessante.

Nelle tomam parte todos os alumnos. Vinte formam o *partido branco*. Outros vinte, o *partido azul*.



Ha poucos dias deu-se um erro, durante o brin-
quedo.

Ninguem sabia o que fazer.

O professor, que estava presente, disse :

— Escolha o *partido branco* cinco jogadores.
Estes serão os *representantes* do seu partido.

Faça o mesmo o *partido azul*.

Reunam-se os dez representantes e estudem as regras do jogo. Finalmente, façam um regulamento com essas regras.

Depois, cumpram todos o regulamento. Verão que não haverá mais erro no jogo.

Agora, ouçam outra coisa, meu alumnos:

Como já sabem, é o povo que elege os seus representantes.

Estes representantes são os *deputados* e os *senadores*.

Os deputados formam a *Camara dos deputados*.

Os senadores formam o *Senado*.

O Senado e a Camara constituem o *Congresso Nacional*.

E' o Congresso Nacional que faz as leis para dirigirem a Republica.

Cada Estado brasileiro tem o seu Congresso. E' o *Congresso Estadual*.

Os Congressos estaduaes organizam leis para os Estados.

A GRATIDÃO

Eis um outro bom menino. Este se chama Alfredo.

Um dia voltava elle da escola.

Ao atravessar uma rua, soffreu uma quéda.

Nesse momento aproximava-se um automovel. Vinha com bastante velocidade.

Era quasi certo um desastre.

Que horror! O pobre do rapazito ia talvez ficar esmagado!

Felizmente tal desgraça não succedeu.

Proximo do logar achava-se um collega de Alfredo. Era o Plinio, que estava á porta duma loja.

Vendo o perigo, Plinio deu um grito de espanto. Mas não vacillou.

Com incrível rapidez, quasi dum salto, aproximou-se de Alfredo.

Em seguida o corajoso menino agarrou o collega e o arrastou do caminho.



Já era tempo. O automovel acabava de passar por aquelle logar.

Alfredo estava attonito. Nem sabia como agradecer ao seu salvador.

Entretanto, ninguem mais grato do que elle. Nunca se esqueceu do beneficio recebido.

Adora o Plinio. E' o seu melhor amigo.

Hoje, Plinio completou dez annos.

Alfredo vae dar-lhe um grande abraço. Leva-lhe um punhado de flores, um livro de figuras e uma caixinha de confeitos.

Elle diz sempre:

— Ah! se eu me esquecesse do Plinio, seria um ingrato. Teria, então, vergonha de mim mesmo.

A CARIDADE

Maçan era a fructa que Roberto mais apreciava.

Que alegria, quando ganhava uma!

Sua mãe era pobre. Nunca podia dar-lhe esse prazer.

Certo dia, porém, ella recebeu duas maçans. Foi presente duma vizinha, sua amiga.

Eram duas magnificas fructas, vermelhas, cheirosas.

Immediatamente deu uma ao filho. Este pulou de contente.

Nisto, batem á porta da rua.

Roberto foi depressa ver quem batia.

Era uma pequena mendiga, que lhe pediu uma esmola.

— Tenho fome, disse ella.



Roberto sabia que sua mãe não tinha dinheiro para dar.

Em casa também não havia mais pão naquella dia.

Condoido da menina, deu-lhe a fructa que tinha ganho.

E o caridoso rapazito entrou, com o coraçãozinho a bater de satisfação.

— Oh! você já comeu a maçan? perguntou-lhe a mãe.

— Não, mamãe.

E Roberto contou-lhe o succedido.

Tão commovida ficou a mãe, que duas lagrimas lhe rolaram pelas faces.

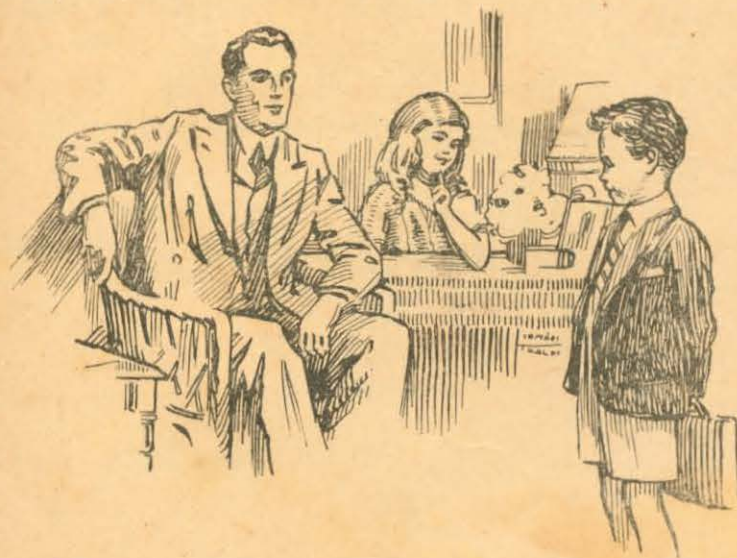
Deu a outra maçan a Roberto.

Elle, porém, não a quiz comer, sem primeiro repartil-a com sua mamãe.

A LEI

Sempre que Fernando chega da escola, o pae lhe faz diversas perguntas.

Quer saber se elle esteve attento, se se portou bem, etc.



Uma tarde o pae lhe perguntou :

— Então, aprendeu hoje alguma coisa nova?

— Sim, papae. O professor nos explicou o que quer dizer *lei*.

— E você ficou sabendo o que seu mestre ensinou ?
 — Penso que sim, papae.
 — Responda-me, então : que entende por lei ?
 — *Lei* é uma especie de regulamento dos paizes, é...
 — Bravo, Fernando ! Mas, para que serve esse regulamento ?

— Serve para o povo dirigir-se por elle. Esse regulamento marca os *direitos* e os *deveres* dos cidadãos.

— E quem é que organiza nossas leis ?

— São os deputados e os senadores, papae. E' o Congresso.

— Muito bem, Fernando. E que mais você sabe ?

— Sei que devemos respeitar a lei. Disso depende a grandeza, a felicidade da patria.

O pae de Fernando apreciou muito as respostas do filho.

Sua irmanzinha mais velha tambem gostou.

Ella estava muito attenta. Comprehendeu tudo quanto o irmão disse.

A VERDADE

Helena é docil e obediente. Mas, de vez em quando, faz suas travessurazinhas.

Um dia ella entrou na sala de visitas. Pegou no album de retratos e poz-se a folheal-o.



Logo na segunda pagina deu com o seu retratinho. Quiz examinal-o. Puxou-o do logar em que elle estava encaixado.

Ao retirar a photographia, o encaixe se rasgou.

Tratou de concertal-o, porém ainda mais o estragou.

Helena ficou muito aborrecida : não quiz mais continuar a ver o album.

Passou algum tempo.

Certo dia sua mãe foi collocar um novo retrato no album. Dando com aquella pagina rasgada, disse:

— Isso, com certeza, é arte da filha da creada.

Ah, aquella travessa menina !

Helena, que estava presente, immediatamente disse :

— Mamãezinha, a senhora me desculpe . . .

— Desculpal-a? E por que, minha filha?

— Porque fui eu quem estragou o album.

E Helena contou como o caso se passara.

— Você fez mal, tornou-lhe a mãe. Bem merecia agora um *pitinho*, Mas, já que disse a verdade, em vez dum *pitinho*, tome lá um beijinho. E não caia mais noutra, ouviu?

— Sim, mamãe. Daqui por diante vou tornar-me uma menina muito ajuizada.

A INVEJA

Estão vendo que formosa menina?

Que carinha alegre, a sua !

Pois fiquem sabendo : Leonor não era assim.

Ha tempos, vivia sempre carrancuda.

Em nada se parecia com a menina de hoje.

Não ria, nem gostava de brincar.

Tudo para Leonor era motivo de desgosto.

Aborrecia-se ao ver uma menina mais bem tratada do que ella.

Zangava-se quando outra apparecia com um brinquedo novo.

Irritava-se bastante se alguma collega dava uma lição melhor do que a sua.

Emfim, ella invejava tudo.

Por isso vivia sempre triste e de cara amarrada.

Mas, actualmente, Leonor é outra.



Os bons conselhos de sua mãe a corrigiram.

Uma só coisa ella inveja agora : é ser tão boa como as melhores meninas.

E tornou-se mesmo muito boazinha.

Antes, as collegas não a apreciavam. Hoje, todas a estimam.

Seus paes estão mui contentes, pois Leonor não é mais invejosa.

E ella ? Oh, como vive feliz !

A inveja fugiu-lhe do coraçãozinho. Nelle reinam agora a paz e a alegria.

RESPEITO A'S LEIS

Dois irmãos, Renato e Salvador, voltavam da escola.

Ao passarem pela rua Direita, viram uma carta cahida ao lado da calçada.



Bernardo apanhou-a e leu o sobrescripto : —
Ilmo. Sr. Fortunato de Oliveira. Campinas.

— Vamos lê-la ? perguntou ao irmão.

— Você está doido, Bernardo ?!

— Doido ? . . . E por que, Salvador ?

— Então, você não sabe que a lei proíbe violar as cartas ?

— Eu não sabia. Já que é assim, respeitemos a lei. Mas, então, que faremos desta carta ?

— Nada mais fácil. Levemol-a ao Correio.

Nisto, aproximou-se uma senhora. Parecia procurar qualquer coisa pelo chão.

Os meninos acercaram-se della e um delles perguntou-lhe :

— A senhora perdeu alguma coisa ?

— Sim, meus meninos. Acabo de perder uma carta. Era endereçada ao Sr. Fortunato de Oliveira, em Campinas.

— Aqui está ella, disse Bernardo, entregando-lhe a carta. Iamos leval-a ao Correio.

A senhora ficou muito agradecida. Quiz dar uma moeda a cada menino.

Elles, porém, recusaram acceitar.

Já estavam bem pagos. Tinham cumprido seu dever.

A CALUMNIA

Era ainda muito cedo. D. Izabel foi ao mercado. Suas filhinhas Angela e Alzira ficaram dormindo.

Antes de sahir, D. Izabel disse á creada :

— Joanna, vá acordar as meninas, ás sete horas.

A' hora marcada, Joanna tratou de cumprir a ordem recebida.

Angela, a mais velha das irmãs, levantou-se logo. Alzira, porém, ficou contrariadíssima, quando a creada a despertou.

A muito custo deixou a cama.

Dalli a pouco as duas meninas passeavam no jardimzinho da casa.



Alzira continuava aborrecida.

— Que tem você? perguntou-lhe a irman.

— Estou furiosa com a creada. Não é que ella não me deixou dormir? Mas Joanna me pagará. Hei de dizer a mamãe que ella me bateu.

— Se fizer isso, você é uma menina má. Inventar mentiras contra os outros, é uma calumnia.

Imagine que mamãe acredite em suas palavras. E' capaz de despedir a boa Joanna.

Nesse caso, você não teria remorsos?

Alzira abaixou a cabeça, muito envergonhada.

Prometteu nunca mais ter uma idéa tão má.

Angela abraçou-a, commovida.

O ODIO

— Venha cá, Julieta. Soube que você brigou com a Luizinha . . .

— E' verdade, mamãe.



— Mas, como foi isso, minha filha? Você era tão amiga daquella menina!

— Ella não quiz emprestar-me a sua boneca. Oh, como lhe tenho odio!

— Escute, Julieta : Odiar a uma pessoa é querer-lhe mal.

Só os maus é que odeiam a seus semelhantes.

Deus me livre de ter uma filha assim !

Devemos perdoar aos que nos offendem. Assim fazem as pessoas de bons sentimentos.

Então, você não quer ser uma boa menina ?

— Oh ! sim, mamãe.

— Vá, pois, fazer as pazes com sua amiguinha. Demais, ella não a offendeu.

Julieta immediatamente obedeceu.

Foi procurar Luizinha. Pediu-lhe desculpas e tornou-se, outra vez, sua amiga.

Como a mãe de Julieta ficou alegre, quando viu as duas meninas juntas !

— Eu bem sabia, disse ella, que minha filha não tinha odio a ninguem.

Ella é tão boazinha !

A POLIDEZ

Este sympathico rapazito é o Geraldo.

Que menino amavel, delicado e respeitoso !

Em toda a parte se mostra muito bem educado.

Em casa, não dá incommodo algum aos paes.

E' meigo para com os irmãos, bondoso para com os creados.

A' mesa, come devagar e a pequenos bocados. Ninguem o vê mastigar com ruido, cortar o pão ás dentadas, soprar a sopa, etc.

Emfim, não commette dessas faltas proprias dos meninos mal educados.

E' muito cortez para com as visitas que vão a sua casa.

Trata a todos com o maximo respeito e delicadeza.

Attencioso para com os collegas, jamais rusga ou discute com elles.



Na rua, se se encontra com uma senhora, dá-lhe sempre o lado da parede. O mesmo faz com os velhos.

Não tem o defeito de cochichar ou de murmurar dos outros.

Ninguém ainda o viu interromper uma conversa.

Tem sempre nos labios phrases como esta : *faça o favor, com licença, desculpe-me, etc.*

Geraldo é, emfim, um menino verdadeiramente polido e de esmerada educação.

Não ha, pois, quem não o estime.

OS ENFERMOS

Não longe da casa de Antonieta mora uma viuva muito pobre.

E' uma mulher extremamente laboriosa. Passa, quasi o dia todo, a lavar e engommar. Não raras vezes, tambem trabalha parte da noite.

Tem uma filhinha de apenas tres annos, chamada Eliza.

Apesar do ruído de trabalho a que se dedica, a boa mulher jamais esmorece.

Gosou sempre saude. Pode assim ganhar o suffi-

ciente para si e para sua querida Eliza.

Ha quatro dias, porém, a viuva cahiu de cama.



Antonieta tem ido visitá-la em companhia de sua mãe.

Leva-lhe remédios e alimentos. Trata da pequena Eliza, com todo o carinho. Anima a enferma com a sua presença e suas palavras bondosas.

Oh, como a pobre viuva lhe fica agradecida!

A mãe de Antonieta sente-se feliz por ter uma filhinha tão boa.

Lá vem a excellente menina, de volta da sua visita. Como vem contente!

OS MORTOS

A pequena Emilia estava á janella.

— Quanta gente de luto passa hoje por aqui! dizia ella.

Todos caminham silenciosamente. Têm no semblante um ar de recolhimento e de tristeza.

Uns levam flores. Outros conduzem coroas, cruzes, etc.

Ah!... já sei.

Hoje é o *Dia dos Mortos* — 2 de Novembro.

Essas pessoas vão ao cemiterio.

Lá entrarão, de cabeça descoberta, em piedoso respeito.

Cobrirão de flores as sepulturas dos seus queridos mortos.



Ai, quantas lagrimas de dôr e de saudade!
 Oh, como devemos respeitar esse grande dia!
 Respeito á paz dos mortos, respeito á dôr dos vivos.
 Irei tambem ao cemiterio. Estou certa de que
 mamãe me acompanhará.

E' verdade que lá não tenho nenhum parente
 sepultado. Alli jaz, porém, a minha amiguinha Rosa.
 Coitada! Morreu o anno passado. Que saudades della!

Hei de cobrir-lhe de rosas frescas o pequeno
 tumulo. Eram as flores de que ella mais gostava!

Orarei por ella.

Pobre Rosinha! Tão formosa e tão boa!

O SOLDADO

— E' o meu thesouro! dizia o sr. Ribeiro referindo-se a seu filho José.

E tinha razão, pois o menino só dava prazer aos paes.

No dia quatro de maio, José completou sete annos.

Recebeu muitos abraços e beijos do papae e da mamãe.

Que alegria a delle!

Depois, o sr. Ribeiro perguntou-lhe:

— Que deseja você de presente, hoje, meu filho?

— Ah! se papae me desse um tamborzinho, eu brincaria de soldado.

— Então, você gosta muito dos soldados?

— O senhor não me disse que elles são uns bons homens?

Eu não me esqueci do que papae disse:



“Os soldados nos prestam excellentes serviços. Guardam nossas casas. Policiam as cidades. Soccorrem as victimas de desastres, nas ruas. São, enfim, cidadãos muito uteis.”



— E' verdade, meu filho. E, além disso, é o soldado que vae para a guerra, defender a patria. Devemos-lhe o maximo respeito.

José era todo ouvidos ás palavras do pae.

A' tarde ganhou o tambor.

Olhem como elle está contente.

Rataplan, plan, plan!
Rataplan, plan, plan!
Que prazer!

OS INVALIDOS

Onde irá a Henriqueta, conduzindo uma vasilha tão pesada ?

Vae á fonte proxima, buscar agua.

Todos os dias ella faz esse trabalho.

E' um serviço prestado a uma velhinha do bairro.

Essa mulher fôra, antigamente, a professora do logar.

Hoje não lecciona mais. Está muito edosa e cansada.

Coitadinha ! Envelheceu trabalhando sempre pelas creanças.

Henriqueta tem muita pena della.

Antes de ir para a escola, não deixa de visitá-la. Ajuda-a nos seus trabalhos domesticos.



A bondosa menina mostra, assim, saber respeitar e proteger os invalidos.

A velha mestra adora a sua pequena protectora. Até lhe chama carinhosamente : *minha netinha*.

Quando Henriqueta chega, ella diz, com doçura :

— Bom dia, *minha netinha* !

— Bom dia, *avózinha* ! responde-lhe a meiga menina.

E ambas se abraçam affectuosamente.

A INTOLERANCIA

Hora de recreio numa escola.

Todos brincam alegremente.

Pelos ares perpassa um agradável som. E' a voz suave das joviaes creanças.

Entretanto, ha alli um menino que não toma parte naquelles innocentes folguedos.

Vive isolado dos outros.

Coitado! Mas a culpa é delle, exclusivamente delle.

Por que ha o Victor de contrariar sempre os seus collegas ?

Por que ha de querer que todos pensem como elle ?



Para Victor, tudo o que os collegas fazem ou dizem é errado.

Entende que só é verdade o que elle affirma, só é bem feito o que elle faz.

E não admitte observações. Só elle quer falar, e zomba dos que erram.

E', emfim, um menino intolerante.

Seus companheiros cansaram de atural-o. Agora ninguém mais o procura.

E para que ?

Victor offende a todos com sua insupportavel intolerancia.

Ha dias o professor deu-lhe muitos conselhos.

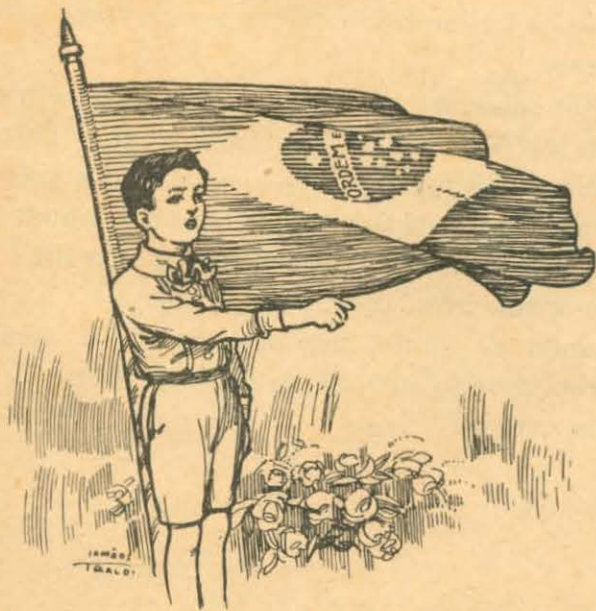
Elle está arrependido. Com certeza vae corrigir-se.

Fará muito bem, porque o intolerante é uma creatura detestavel.

A BANDEIRA

Lembram-se do Octavio, aquelle menino que falou no *Dia da Bandeira* ?

Ouçam o que elle disse :



"Minha bandeira ! Como é linda !
Azul, verde e amarella !
Azul é o puro ceu de minha terra.

Verdes, sempre verdes, são as extensas campinas de meu paiz.

Verdes, eternamente verdes, são as suas altaneiras montanhas.

E as suas mattas virgens, e seus ferteis valles ? Tudo é coberto de esmeraldina roupagem.

Amarello é o ouro de suas minas. Amarello é esse mesmo ouro, em que se convertem as riquezas desta terra fecunda.

Formosa bandeira ! Como tuas côres nos falam ! E's o retrato fiel do meu Brasil.

Leio na tua anilada esphera as palavras — *Ordem e progresso*.

Estas palavras nos dizem : — Estudem, creanças. Trabalhem, para algum dia serem uteis á patria.

Ellas ainda nos falam : — Sejam bons cidadãos. E a paz e a prosperidade reinarão no seu grande paiz.

Oh, que bellas coisas a bandeira nos diz !

Companheiros, descubram-se quando a virem tremulando ao vento, nos dias de festa nacional.

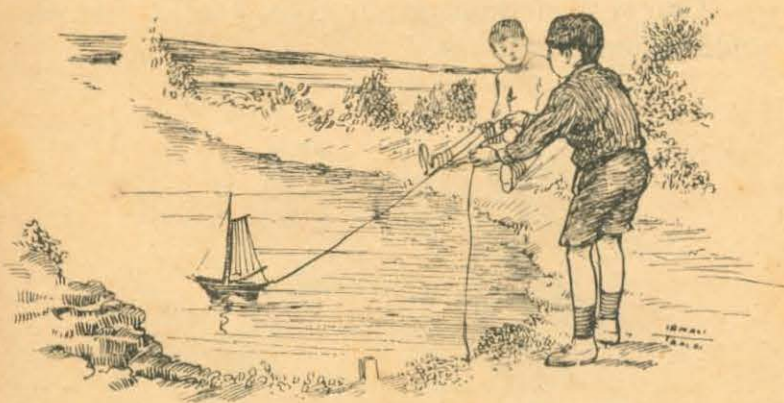
Respeitem-na sempre. Amem com fervor o symbolo da patria !

A SINCERIDADE

O menino que está de pé, á beira do rio, é o Acacio.

Elle tinha um amiguinho de escola chamado Henrique.

Um dia seu amigo lhe disse :



— Você não imagina como eu estou contente, Acacio . . .

— Por que ?

— Ora, eu tenho um boneco saltador. Falta-lhe, porém, uma peça. Assim, elle só pula quando colloco uma bolinha de papel no lugar da peça. Se a bolinha cae, elle não pula mais.

— Não compreendo, então, a sua alegria, Henrique !

— Escute, Acacio : vou trocal-o com o Pedrinho, por um pião novo, de metal. Não faço bem ?

— Você faz muito mal. Vae enganar um collega.

— Ah! você então me censura ? Nem parece meu amigo !

— Tanto pareço, que sou sincero. Digo-lhe o que sinto e o que penso, embora você fique aborrecido. E, se é um bom menino, como eu julgo, você não deve realizar a troca.

Henrique achou justas as palavras do amigo, e seguiu-lhe o conselho.

Graças á sinceridade do bom Acacio, elle não praticou uma acção má.

A HYPOCRISIA

Emquanto fazem roupinhas para suas bonecas, Lucia e Creusa conversam.

Ouçam o que ellas dizem :



— Acabemos logo com estes vestidinhos, Creusa. Preciso ainda ir á casa de Elvira. Quer ir commigo ?

— Não, Lucia. Eu não quero amizades com Elvira.

— Mas, por que ?

— Ora, ella é uma menina fingida.

Eu não gosto de gente assim.

Ainda hontem mostrei-lhe um retrato desenhado por mim.

Ella, então, me disse : “Bonito retrato ! Muito bem feito !”

Pois sabe o que Elvira fez, minutos depois ?

— Que fez ella ?

— Foi dizer á nossa amiga Mercedes que nunca viu careta mais feia que o meu desenho, que nunca viu trabalho tão mal acabado.

— Oh, que coisa horrivel, Creusa !

— Horrivel mesmo. Esse fingimento de Elvira chama-se hypocrisia. E eu detesto semelhante sentimento.

— Tem razão, minha amiguinha.

O hypocrita é uma creatura falsa, de quem devemos desconfiar e temer.

Já não irei mais á casa de Elvira.

Ficarei fazendo companhia a vccê.

E as duas meninas continuaram a costurar e a conversar sobre outras coisas.

A GUERRA

Quasi todas as tardes vêem-se estas creanças ao redor de sua avó.

A boa velhinha lhes conta bonitos casos.

Os netinhos a ouvem, em profundo silencio.

Guilherme é o neto mais velho.

Elle gosta muito de fazer-lhe perguntas.

Ainda hoje lhe perguntou:

— Vovózinha, por que será que titio Luiz tem falta duma perna ?

— Perdeu-a na guerra, Guilherme. Desde ahi elle anda de muletas, coitado !

— A guerra ! Deve ser uma coisa horrivel, não, vovó ?



— Sim, meu neto.

Na guerra os homens se matam, uns aos outros. Os campos ficam devastados; as cidades, arrazadas.

Por toda a parte reina a morte, a dôr, a miseria. As pobres creanças perdem seus paes.

Emfim, a guerra traz os maiores males.

— Ah, se eu soubesse, exclamou Guilherme, nunca teria brincado de guerra.

Mas, de hoje em diante, não brincarei mais.

E vou dizer aos meus companheiros que tambem não brinquem.

— Muito bem, meu querido, tornou-lhe a avó. Ninguém deve apreciar a guerra, nem mesmo por brinquedo.

A CORAGEM

Havia já duas horas que Raul estava trabalhando. Isto foi hontem.

Procurava resolver um problema dado pelo professor.

Estava custando a acertá-lo.

Mas Raul não se levantou enquanto sua conta não ficou certa.

Elle nunca desanima.

Quando tem de fazer qualquer trabalho, ha de fazel-o mesmo.

Quanto mais difficuldades encontra, mais lucta. E', emfim, um menino de coragem.



Dez vezes elle errou o problema. Dez vezes começou-o de novo.

Afinal, na decima primeira vez venceu : acertou. Que alegria ! que prazer !

Hoje elle apresentou seu trabalho ao mestre. Este o mandou ao quadro-negro.

O menino fez alli todos os calculos, muito certos.

— Bravo, Raul ! disse o professor. O problema era difficil. Quanto tempo levou para resolvê-lo ?

— Duas horas e meia.

— E não desanimou ?

— Não, senhor. Tanto trabalhei, tanto trabalhei, que finalmente consegui acertá-lo.

— Bravissimo, meu rapaz ! Continue sempre a ser corajoso.

A coragem nos fortalece. Ella nos faz vencer as difficuldades e supportar os soffrimentos.

A HONRADEZ

Um homem muito pobre tinha tres filhinhos.

Era empregado dum rico fazendeiro.

Ganhava tão pouco que mal podia sustentar os filhos.

Seu patrão era um mau sujeito.

Um dia questionou com outro fazendeiro, seu vizinho.

Como era mau, que fez elle ?

Chamou o empregado e disse-lhe :

— Você não desejaria ganhar uma boa somma, uns quinhentos mil réis, por exemplo ?

— Oh, senhor, isso seria uma fortuna para mim ! Mas, que devo eu fazer, para obter tanto dinheiro ?



— Você irá esta noite á fazenda vizinha. Lançará fogo á roça de milho e . . . prompto.

— Nunca, patrão! Sua proposta é indigna! Eu não me vendo por dinheiro algum. Sou pobre, mas honrado. Jamais farei mal aos meus semelhantes.

E o bom homem retirou-se da fazenda, para não mais alli voltar.

Felizmente, no mesmo dia, encontrou serviço na outra fazenda.

O novo patrão era um excellente homem.

Um dia soube da bella acção do seu empregado.

Ficou tão satisfeito, que augmentou os salarios do honrado trabalhador.

Deu-lhe ainda uma casinha para elle morar com os filhinhos.

O digno homem vive hoje mui folgadamente com as tres creanças.

O IMPOSTO

Ricardo é o alumno mais velho da classe. Tem treze annos de idade.

E' intelligente, applicado e, sobretudo, um bondoso rapaz.



As aulas iam começar.

Elle aproximou-se do professor e disse :

— Rogo-lhe dispensar-me, hoje, mais cedo. Preciso ir pagar um imposto.

— Oh ! tornou o mestre. Com que, então, você já paga imposto ? !

— Não ; eu vou pagar a mandado de papae.

— Isso sim. E você sabe que quer dizer imposto, Ricardo ?

— Sim, professor. Papae m'o ensinou.

— Muito bem. Você vae, então, repetir a seus collegas o que aprendeu. Quer ?

— Com grande prazer.

Os alumnos ficaram mui attentos. Elles gostavam de aprender coisas novas.

— O imposto, começou Ricardo, é uma certa quantia que os cidadãos pagam ao Estado.

Negociantes, industriaes, proprietarios, todos, emfim, são obrigados a pagar imposto.

Com o dinheiro dos impostos o governo mantem as escolas, os asylos, a policia e mil outras coisas necessarias.

Os impostos revertem, pois, em beneficio de todos.

— Bravo ! disse o mestre.

— Viva o nosso professorzinho ! exclamou um alumno.

— Viva ! repetiram os outros.

O JOGO

Olhem o traquinas do Luciano.

Bonito menino !

Parece estar bem zangadinho.

Quem sabe se está doente ?

Qual ! Nada disso !

O que elle está é muito triste, o coitadinho !

Tem de ficar preso durante duas longas horas. Que sacrificio !

Foi o proprio pae que lhe impoz tal pena.

E com que dôr elle não castigou o filhinho !

Mas, assim era preciso.



Imaginem que o pae de Luciano o encontrou tomando parte num joguinho de botões com um outro menino.

Até ahi nada havia de mal.

A questão era que o travesso estava jogando a dinheiro, a tostão cada partida.

O pae já lhe tinha dito :

— Meu filho, você póde jogar o joguinho dos botões. Nunca, porém, jogue a dinheiro. O homem só deve ganhar dinheiro pelo trabalho. Aquelle que vive do jogo não é um individuo honesto.

Foi, pois, bem merecido o castigo de Luciano. Com certeza elle se corrigirá.

Ha de ser assim. Luciano é travesso, mas muito bomzinho.

O ALCOOL

Todos os dias, bem cedo, já estava o ferreiro na officina.

Era um homem sadio e robusto.

Trabalhava alegremente, sempre a cantar, sempre a cantar.

O trabalho rendia-lhe bastante. Por isso vivia folgadoamente com a mulher e dois filhos.

Levado, porém, por maus amigos, começou a frequentar as tavernas.

O alcool foi-lhe minando a saude. Tornou-o fraco e doentio.

A alegria fugiu-lhe do coração. A coragem abandonou-o, e elle tornou-se um ocioso.



A miseria, então, cahiu-lhe em casa. Tudo ahi faltava.

Certo dia viu um dos filhinhos chorando.

— Que tem, meu filho ?

— Tenho fome, papae.

Ah, estas palavras cortaram-lhe o coração !

O ferreiro cahiu em si. Lagrimas de dôr e de arrependimento correram-lhe pelas faces.

Fugiu das tavernas e não mais bebeu.

A saude, a alegria e a coragem voltaram a ser suas companheiras.

A prosperidade entrou-lhe de novo no lar.

Eil-o outra vez, na officina, a trabalhar, cantando alegremente.

A ESCOLA

Os dois pequerruchos se dirigem para a escola. E' uma hora muito agradável para elles. Reparem como vão sorrindo.

Levam nas bolsas tudo quanto precisam : livros, cadernos, lapis, etc.

Nada esquecem.

Hontem, em casa já prepararam as lições.

Fizeram as copias, os desenhos, as contas e tudo muito bem feito.

E' assim que elles procedem todos os dias.

Jamais vão para a escola sem os trabalhos que a professora determinou.



Nunca vão também desasseados.

O corpo, o vestuário, o calçado, tudo nelles é limpo. Os cabellos, penteados; as unhas e os dentes, polidos.

Portam-se admiravelmente bem. Em horas de aula não conversam nem se distraem.

Eis por que Marcello e Regina, tão pequeninos ainda, já passaram para a segunda classe.

Elles têm na escola um grande numero de amigos. Sabem por que ?

Porque tratam seus collegas com todo o respeito e delicadeza.

AS ARVORES

Eugenio estava passando as férias na roça.

Era a estação do calor.

Num dia muito quente, elle foi sentar-se á sombra duma grande figueira.



— Oh ! que frescor ! dizia Eugenio.

Que sombra agradável nos dás, bella arvore !

Sob a tua verde ramagem o viajante vem repousar.

Os animaes te procuram, fugindo dos abrasadores raios do sol.

Sobre os teus ramos pousam gentis passarinhos, cantando alegremente.

Ahi tecem elles seus quentes ninhos protegidos pela tua folhagem. Ahi se abrigam dos ventos e das chuvas.

Ahi encontram fructos de que se alimentam.

Oh ! como és boa e util, tanto para o homem, como para os animaes !

São as arvores que tornam saudavel o ar que respiramos.

Embelezam nossas ruas e praças.

Dão-nos excellentes madeiras para construeção de casas, moveis e tantas coisas uteis.

Quem não vos protegerá, boas arvores ?

Quem não vos amará ?

Só mesmo um menino mau poderia maltratar-vos!

A TEMPERANÇA

A familia estava acabando de jantar.

O pequeno Odilon recusou a sobremesa que a mãe lhe offerecera.

— Muito agradecido, mamãe, disse elle. Já estou satisfeito e não devo comer mais.



— Faz bem, meu filho. Quem come ou bebe demais, estraga a saúde.

— E' verdade, confirmou o pae de Odilon. E continuou : Meus filhos, sigam sempre o exemplo de seu irmão.

Observem a temperança, tanto no comer como no beber.

Observem-na também em todos os seus actos.

Tudo quanto é feito em demasia é contra a temperança e nos prejudica.

Por isso, vocês devem ser commedidos nos divertimentos, nas conversações, no trabalho, no repouso, em tudo, emfim.

A intemperança nos conduz ao luxo, á vaidade e ao desperdicio.

Ora, tudo isso só nos póde causar mal.

Quem não é temperante, não sabe conter o seu genio. Póde, então, ser dominado pela colera e commetter más acções.

Sejam, pois, temperantes em tudo.

As creanças todas fizeram proposito firme de seguir os conselhos do pae.

OS MONUMENTOS

O sr. Augusto estava passeando com seu filho Thomaz.

Entraram no bello jardim da praça da Republica.

Ahi uma coisa chamou logo a attenção do menino.

Era uma columna de pedra, simples, mas bem trabalhada.

No alto della via-se um busto de bronze.

— Que é isso ?
perguntou Thomaz ao pae.

— E' um monumento, meu filho.

Os monumentos recordam os grandes homens já fallecidos.



Lembram também as datas gloriosas da historia dos povos. Elles nos dizem: não se esqueçam daquelles que honraram a patria. Imitem o exemplo desses illustres cidadãos.

Os monumentos podem ser estatuas singelas como esta ou, então, majestosos edificios.

— Como o do Ypiranga, não, papae ?



— Sim, Thomaz. O monumento do Ypiranga perpetua uma importante data — a *Independencia do Brasil*. Lembra também os grandes brasileiros que trabalharam por esta data.

Cumpra sempre respeitar os monumentos.

Desde esse dia Thomaz descobria-se, reverente, quando por elles passava.

A BENEVOLENCIA

Olhem a graciosa Joannita, a querida de todas as collegas da escola.

Tem sempre um bom sorriso a illuminar-lhe o rosto gentil.

Se soubessem quanto ella é bondosa !...

Seu coraçãozinho é um cofre cheio de preciosos dons.

Mas, a principal qualidade de Joannita é a benevolencia.

Está sempre disposta a julgar bem dos outros.

Quando alguma collega commette uma falta, ella não a censura asperamente.



Pelo contrario, fala-lhe com brandura.

Foi assim que ella procedeu com uma collegui-nha muito mentirosa. Era a pequena Georgina.

Quando as outras meninas censuravam Georgina, Joannita lhes dizia :

— Não a julguem mal. Vocês não vêem que ella ainda é muito creança ? Fiquem certas de que Georgina se corrigirá.

Por outro lado, vivia dando conselhos á colle-guinha.

Ao cabo de pouco tempo Georgina se emendou. Tinha verdadeiro horror á mentira.

A benevolencia de Joannita fel-a corrigir-se.

Digam-me agora se a meiga Joannita não é mesmo bondosa ?

A DÔR ALHEIA

Tão boa como a Joannita, é esta outra menina. Chama-se Marieta.

No dia de seus annos, muitas amiguinhas foram cumprimental-a.

A todas ella agradecia sinceramente as felicitações.

Marieta era habitualmente alegre e expansiva.

Naquelle dia, porém, tinha um ar de tristeza.

Quando uma das meninas presentes propoz um brinquedo qualquer, Marieta disse :

— Minhas amiguinhas, hoje não devemos brincar . . .

— Mas, por que ? perguntou uma das meninas.

— Sim, por que ? disse outra. Hoje, é o dia do seu anniversario ! Hoje, um dia tão alegre para nós ! . .



— Ouçam, minhas caras amigas :
A vizinha está com um filho muito doente.



A pobre mãe
quasi morre de afflic-
ção. Não é justo,
pois, que respeite-
mos a sua grande
dôr ?

— Apoiado, dis-
seram as meninas
quasi ao mesmo
tempo. Respeite-
mos a dôr alheia.

E, nesse dia, as bondosas meninas não brincaram.
Apenas palestraram um pouco, e depois se des-
pediram da sua querida Marieta.

OS PASSAROS

Venham, venham, gentis amiguinhos !
Trago-lhes, hoje, um saboroso petisco: é pão de ló,
muito macio, muito fresquinho.



Comam, fartem-se !
Oh, como os estimo, formosos passarinhos !
São tão bons, tão amigos do homem !
Limpam-lhe as hortas das vorazes lagartas.
Livram-lhe os pomares dos insectos damnhinhos.

E ainda o alegram com os seus doces gorgieios.
Ah, e haver creanças más, que os prendem em fortes gaiolas!

E imaginar que outras lhes roubam os queridos filhinhos!

Crueis que são!

Oh!... eu nunca lhes farei mal.

Vão cantar á beira dos seus ninhos.

Vão. Voem, voem, innocentes avezinhas!

A POLICIA

Todos os dias, ás sete e meia, os irmãos Adolpho e Ernesto saem para a escola.

A essa hora encontram sempre um dos guardas-civis da rua em que moram.

— Bom dia! dizem-lhe.

— Bom dia! meus meninos, responde o guarda amavelmente. E continua a caminhar, compassadamente, sempre attento e vigilante.

Quando os rapazitos voltam da escola, já encontram outro guarda.

Saudam-no tambem, no que são correspondidos.

Adolpho e Ernesto sabem respeitar os policiaes.

Estes homens são mesmo dignos de toda a consideração.

Prestam excellentes serviços ao povo.

Velam pela tranquillidade dos outros homens.



E quantas occasiões não se expõem elles a sérios perigos ?

Passam longas horas no seu posto, ás vezes ao sol e á chuva.

Quantas vezes não são elles aggredidos, ao acalmarem uma desordem ?

Fazem muito bem os dois irmãos em estimarem os guardas-civis.

A HUMILDADE

Gilda e Adriana são duas amiguinhas inseparaveis.

Passam juntas quasi o dia todo.

Na escola sentam-se no mesmo banco.

Que estarão
ellas fazendo
agora ?

Gilda tem a cabeça baixa e a physionomia triste.

Adriana parece estar a agradar-lhe.

Que haveria
sucedido ?

Vão ver.

Hontem Gilda esqueceu o lapis em casa.



A' hora do desenho, pediu á amiga que lhe prestasse um lapis.

— Desculpe-me, disse-lhe Adriana. Não posso attendel-a, pois trouxe apenas um.

— Mentira ! tornou-lhe Gilda. Você é uma menina má.

Estas palavras tão duras, tão injustas, offenderam muito a Adriana. A coitadinha ficou tão sentida, que quasi chorou.

Gilda arrependeu-se bastante do que dissera num momento de zanga.

Agora está pedindo desculpas a Adriana.

Este seu acto de humildade foi muito apreciado.

Adriana abraçou-a, risonha e commovida.

A MALEDICENCIA

Na escola de D. Amelia nenhuma alumna se dava com sua collega Belmira.

Todas evitavam a companhia desta menina.

Fugiam de Belmira, por ser ella muito maledicente.

Na verdade ella vivia a falar mal das outras meninas.

Entretanto, Belmira não tinha mau coração.

Falava mal do proximo, simplesmente por falar. Não tinha intenção alguma de prejudicar a alguém.

Um dia viu-se desprezada pelas collegas.

Ficou, então, muito triste. A escola já não lhe offerecia o menor attractivo.

Nas horas de recreio, não tinha com quem brincar. Ficava sózinha, toda entregue á sua tristeza.



D. Amelia soube do que se passava.

Muito penalizada, chamou Belmira e deu-lhe ternos conselhos.

A menina corrigiu-se. Nunca mais abriu a bocca para murmurar de alguém.

Tornou-se mesmo uma das melhores alumnas.

Pouco a pouco foi conquistando a confiança das companheiras.

Finalmente, hoje ella tem uma amiga em cada collega.

Voltou-lhe a alegria. Vive satisfeita e gosta da escola.

A FRATERNIDADE

Elza está radiante de alegria. Praticou hoje uma bellissima acção.

Ouçam :

Num paiz, muito longe do nosso, houve um forte tremor de terra.

Diversas casas se abateram.

Muitos habitantes succumbiram. Outros ficaram aruinados, sem tecto e sem pão.

Foi uma verdadeira calamidade !

Oh, quantas creancinhas não perderam seus paes !

Quantas lagrimas não derramaram tantos olhos innocentes !

A triste noticia chegou ao Brasil.

De todos os pontos do nosso paiz partiu um grito de dôr.



Pobres e ricos trataram de soccorrer as victimas do terremoto.

Cada qual queria ser o primeiro a concorrer com o seu obolo.

Elza foi uma das primeiras. Deu todo o dinheiro que tinha no seu cofrezinho.

E deu-o de todo o coração.

Eis por que a menina está contentissima.

Ella já conhece o bello sentimento de *fraternidade*.

E' a fraternidade que faz os homens se amarem uns aos outros.

E' ella que une os povos, tanto nas horas de prazer, como nas horas de soffrimento.

OS ANIMAES

A gentil Marion possui um lindo cordeirinho. Elle está quasi sempre junto da menina.

A' hora da escola, Marion precisa sahir ás escondidas.



Do contrario, o animalzinho a segue infallivelmente.

Duas vezes já, elle a acompanhou até á escola.

O cordeirinho tem-lhe muita affeição. Ella o trata carinhosamente.

E assim procede a bondosa menina para com todos os animaes. Não os maltrata nem consente que ninguém o faça.

Em sua casa ha cães, gatos, gallinhas, etc.

Todos elles a conhecem e mostram-se alegres, quando a vêem.

Marion gosta muito de tratar delles.

Assim todas as creanças fossem boas para os animaes, como a galante Marion!

O CHARACTER

Clarita resolveu dar duas bolas de borracha á sua amiguinha Anesia.

Ia, muito satisfeita, conduzindo as bonitas espheras.

No caminho encontrou-se com Bertha — outra sua amiga.

Esta vinha carregando uma formosa boneca.

— Que lindas bolas! disse Bertha a Clarita. Quer trocal-as pela minha boneca?

Ora, Clarita desejava muito possuir uma boneca.

Bem vontade, pois, teve de fazer a troca.

Lembrou-se, porém, de que as bolas já não lhe pertenciam mais.



Ficou muito triste, a coitadinha, e respondeu :

— Bertha, sinto immensamente não poder acceitar a sua proposta. Já prometti as bolas para Anesia, e vou levar-lh'as.

Bertha insistiu, insistiu, mas nada pôde conseguir.

E' que Clarita era uma menina de *bom character*.

Era muito correcta no seu modo de proceder.

A VAIDADE

Quem ha um anno conheceu Carmen, admira-se ao vel-a hoje.

E' outra menina : está completamente mudada.

Simples nos modos, amavel no trato, é emfim uma excellente menina.

Antigamente era uma creança intoleravel.

Vaidosa, não havia outra igual.

Perdia horas e horas diante do espelho, a mirar-se.

Só tratava de enfeitar-se.

Julgava-se superior a todas as collegas.

Desprezava e maltratava as meninas pobres.



Em breve, porém, sentiu as consequências da sua soberbia.

Viu as amigas lhe fugirem, uma a uma.

Notou que a professora a olhava com certo ar de justa censura.

Observou que seus paes andavam desgostosos com ella.

Arrependeu-se e tratou de proceder de outro modo.

Actualmente, Carmen é o que se vê: — uma menina modesta e trabalhadora.

Vive muito satisfeita. Reconquistou a sympathia das amigas, a affeição da mestra e o carinho dos paes.

Não ha quem não a estime hoje.

A PRUDENCIA

— Santo Deus! Lá se foi o querido vaso da mamãe!

Assim exclamou Juvenal, pondo as mãos á cabeça.

A pequenina Olga, esta nem podia falar, de tanto que chorava.

Coitadinhos! Como estavam afflictos!

Nesse momento chegou a mãe e deu com aquella scena.

Ficou bastante contrariada, vendo em cacos o seu rico vaso de porcellana.

Mas, olhando para os filhos, teve pena delles.

Pobrezinhos! Tremiam de susto e desapontamento.

Comprehendendo o quanto as creanças soffriam, a boa mãe apenas lhes disse:



— Meus filhos, se vocês não andassem correndo dentro de casa, não teria acontecido isso.

De hoje em diante devem ser mais prudentes.

Pensem primeiro, antes de fazer qualquer coisa.

Quem não tem prudência soffre muitos dissabores.

Os dois traquinas emendaram-se.

Agora, seguem á risca os conselhos da bondosa mamãe.

A JUSTIÇA

O seguinte caso passou-se numa escola.

A' hora do recreio Paulo e Justino começaram a questionar, por causa dum pião.

De repente os dois se engalfinharam.



Commetteram, portanto, uma falta grave.

O professor, depois de tel-os reprehendido severamente, concluiu :

— Agora, vão ficar suspensos da escola por oito dias. Neste sentido vou escrever a seus paes.

— Professor, pôde dar-me licença para uma palavra ? disse Paulo.

— Fale, replicou o mestre.

— Rogo-lhe que o castigo recaia sómente sobre mim. Justino está innocente. Fui eu quem o provo-
cou. Além disto, dei-lhe um tapa. Elle defendeu-se como pôde.

A estas palavras, o professor sorriu, commovido.

— Paulo, disse elle, o seu acto de probidade e de justiça é tão bello, tão digno, que eu o perdôo. Já não serão castigados, nem você nem Justino. Façam agora as pazes, meus travessos.

Os meninos abraçaram-se affectuosamente.

A CONSCIENCIA

Alvaro e Beatriz regressavam da escola.

No caminho a menina achou uma cedula de dez mil réis.

— Oh, que bom! disse Alvaro á irman. Quanta coisa poderemos comprar agora!

— Não é assim como você pensa, meu irmão. Não podemos dispor deste dinheiro. Elle não nos pertence.

— Como assim, Beatriz ?! Pois você não o achou ?

— Achei-o, sim, mas elle pertence a quem o perdeu. Se eu o gastar, praticarei uma acção muito má.

— Ora, Beatriz ! Ninguém sabe de coisa alguma a não ser eu e você. Ninguém a accusará.



— Não ha duvida, Alvaro. Mas, se ninguem sabe sei-o eu. Se ninguem pôde accusar-me, eu mesma me accusarei. Uma voz interior — a *consciencia*, me dirá: — você fez mal, Beatriz, praticou uma acção muito feia.

— Então, que vae fazer dos dez mil réis ?

— Irei entregal-os a papae. Elle saberá dar-lhes o destino conveniente.

— Muito bem, minha irman ! Vamos, pois.

— Vamos, Alvaro.

A AVAREZA

Frederico executou facilmente o seu trabalho. Fez a reproducção duma historia contada pelo professor.

Esteve muito attento ás palavras do mestre.



Por isso não encontrou a menor difficuldade para escrever.

No dia seguinte, sua composição foi muito apreciada.

Valeu-lhe uma nota — *optima*.

Que satisfação para Frederico !

Eis o seu trabalho :

"Havia um velho tão rico, quão mesquinho.
Habitava um casebre e andava coberto de andrajos.

Alimentava-se tão mal, que muitas vezes padecia fome.

Seu aspecto causava dó, mas, ao mesmo tempo, repugnancia.

Era, emfim, um homem de extrema avareza.

Só vivia para accumular e accumular dinheiro.

Jamais alguém o viu dar uma esmola. Coitado, nunca sentiu esse prazer.

Um dia o infeliz morreu. Mas falleceu desamparado de todos.

Não teve uma creatura de Deus, que o fosse soccorrer nos seus ultimos momentos.

Por que ?

Porque sempre desconfiou de todos. Nunca teve um amigo.

O ouro, que tanto adorava, para nada lhe serviu".

A ECONOMIA

— Psit !

Hoje é o anniversario da mamãe, da minha querida mamãe.

Silencio !

Não lhe digam nada.

Quero fazer-lhe uma surpresa.

Oh, que prazer!

Como foi bom eu ter feito economia!

Quasi todas as moedas que me davam, eu as ia guardando.

Ante-hontem abri meu cofre e contei-as.

Ih, que porção!

Deram para tudo: para este vestidinho de camponeza e para estas lindas flores.



Psit !

Só a creada Laurinda é que sabe. Foi ella quem me comprou o vestido e as flores.

Oh, como é bom a gente ser economica!

Se eu tivesse gasto todo o meu dinheiro, não teria hoje tanta alegria.

E mamãe ? Como vae ficar contente a minha mamãezinha !

Quando eu lhe der estas flores, contar-lhe-ei tudo.

E, assim falando, a gentil Zóra foi cumprimentar sua mãe.

Esta ficou muito satisfeita. Foi com a maior ternura que cobriu de beijos as faces de sua boa filhinha.

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TYP. SIQUEIRA
SALLES OLIVEIRA & CIA. LTDA.
RUA LIBERO BADARÓ, 14-C
SÃO PAULO - BRASIL

Ana Maria
Camargo

LENDAS
História USP

Collecção "CAETANO DE CAMPOS"

PARA PRIMEIRO ANNO

TITULO DA OBRA	AUTOR	PREÇOS
Cartilha Infantil . . .	Gomes Cardim . . .	3\$000
Cartilha do Lar . . .	J. Pinto e Silva . . .	3\$000
Cartilha Facil . . .	Claudina de Barros . . .	3\$000
Meu Livro 1.º . . .	Theodoro de Moraes . . .	3\$000
Minhas Lições . . .	José O. Orlandi . . .	2\$000
Pasta Escolar . . .	José O. Orlandi . . .	3\$000
Novas Leituras 1.º . . .	M. Oliveira - Dordal . . .	3\$000
O Amigo da Infancia . . .	Stella Brandt . . .	3\$000

PARA SEGUNDO ANNO

Recordando . . .	Beatriz Lacerda . . .	3\$000
Meu Livro 2.º . . .	Theodoro de Moraes . . .	3\$500
Meus Deveres 2.º . . .	J. Pinto e Silva . . .	3\$000
Minha Patria 2.º . . .	J. Pinto e Silva . . .	3\$000
Minhas Lições . . .	Aprigio Gonzaga . . .	3\$000
Novas Leituras 2.º . . .	M. Oliveira - Dordal . . .	3\$000

PARA TERCEIRO ANNO

Minha Patria 3.º . . .	J. Pinto e Silva . . .	3\$500
Meus Deveres 3.º . . .	J. Pinto e Silva . . .	3\$500
Recordações . . .	Erasto de Toledo . . .	3\$500
Novas Leituras 3.º . . .	M. Oliveira - Dordal . . .	3\$500
Contos Escolares . . .	Aprigio Gonzaga . . .	3\$500
Coração Brasileiro . . .	F. Faria Netto . . .	3\$500

PARA QUARTO ANNO

Verdade . . .	Erasto de Toledo . . .	3\$500
Sears Patriótica . . .	Antonio de Faria . . .	3\$500
S. Paulo e Suas Grandezas . . .	Aprigio Gonzaga . . .	3\$500
Mocidade . . .	M. Moura Santos . . .	3\$500